



**O CONCEITO DE SUBJETIVIDADE SOCIAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA
SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR DESENVOLVIDA EM PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU BRASILEIROS**

Carlos Eduardo Gonçalves Leal
CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO (UNIFSA)

Lara Coelho Pereira
CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO (UNIFSA)

RESUMO: O conceito de subjetividade social redimensiona a leitura dos fenômenos sociais, entre os quais, os fenômenos escolares. O mapeamento da dimensão subjetiva do cotidiano escolar e a intervenção institucional com base nos aspectos da subjetividade social da escola é fundamental para a implementação de processos de mudança na direção de uma escola mais democrática e inclusiva. Deste modo, o objetivo do presente projeto de pesquisa é analisar como o conceito de subjetividade social tem sido trabalhado em pesquisas científicas sobre educação escolar desenvolvidas em programas de pós-graduação stricto sensu brasileiras. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, por meio da busca de teses de doutorado e dissertações de mestrado defendidas entre 2017 e 2021 e disponibilizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e nas bases eletrônicas de dados dos programas de pós-graduação stricto sensu brasileiros. Foram encontradas nove produções científicas que alinharam seus objetos de pesquisa à teoria histórico-cultural da subjetividade, com base no conceito de subjetividade social. Os trabalhos demonstraram consistência teórica, epistemológica e metodológica e desvelaram a importância do conceito para o estudo das relações de escolarização.

Palavras-Chave: Subjetividade. Subjetividade Social. Educação Escolar. Escola.

*The concept of social subjectivity in scientific production on school education
developed in Brazilian stricto sensu graduate programs*

ABSTRACT: The concept of social subjectivity re-dimensions the reading of social phenomena, including school phenomena. Mapping the subjective dimension of everyday school life and institutional intervention based on aspects of the school's social subjectivity is fundamental for implementing change processes towards a more democratic and inclusive school. Thus, the objective of this research project is to analyze how the concept of social subjectivity has been worked on in scientific research on school

education developed in Brazilian *stricto sensu* graduate programs. For this, a bibliographical research was carried out, through the search for doctoral theses and master's dissertations defended between 2017 and 2021 and made available in the CAPES Catalog of Theses and Dissertations and in the electronic databases of the *stricto sensu* postgraduate programs Brazilians. Nine scientific productions were found that aligned their research objects with the cultural-historical theory of subjectivity, based on the concept of social subjectivity. The works demonstrated theoretical, epistemological and methodological consistency and revealed the importance of the concept for the study of schooling relations.

Keywords: Subjectivity. Social Subjectivity. Schooling. School.

1. INTRODUÇÃO

Na história da psicologia, a dicotomia entre as dimensões individual e social figura entre as mais expressivas, uma vez que as diferentes perspectivas teóricas acabaram assumindo um enfoque individualizante sobre o fenômeno psicológico, o qual se sustenta na naturalização do social, definido como algo externo ao indivíduo (González Rey, 2005, 2012). Essa concepção dicotômica, ao propor uma visão abstrata e colonial sobre o fenômeno psicológico, descolando-o dos condicionantes histórico-culturais, tem orientado práticas classificatórias e estigmatizantes que contribuem com a reprodução das relações de poder, sobretudo, em sociedades marcadas pela desigualdade econômica e racial, como a sociedade brasileira.

O conceito de subjetividade social representa um marco na história da psicologia latino-americana, já que surge em um período no qual se buscava uma alternativa ao modelo de ciência psicológica importado dos Estados Unidos, entre as décadas de 1970 e 1980. É preciso destacar que a subjetividade, como formulada no domínio da psicologia cultural-histórica, diferencia-se da noção de subjetivismo. No subjetivismo, a subjetividade é concebida como uma dimensão intrapsíquica que significa, em um sentido racionalista, o mundo das ideias, sendo, portanto, intrínseco, a-histórico e universal (Goulart, 2021). Na psicologia cultural-histórica, a subjetividade é, ao contrário, um tipo particular de produção humana nas condições da cultura, que se organiza não somente em uma dimensão individual (a subjetividade individual), mas também nos diferentes cenários sociais dos quais as pessoas fazem parte (a subjetividade social). As relações de escolarização, por exemplo, expressam uma subjetividade social produzida pelas diferentes pessoas que se relacionam e se implicam com o cotidiano escolar, condição

essa que define a identidade de cada cenário social de relação, como a escola, por exemplo.

O social não é concebido como algo natural, objetivo, isento da ação das pessoas. É compreendido como uma produção simbólico-emocional decorrente das práticas humanas e articulada aos arranjos sociopolíticos. Não é possível dissociar os fenômenos individuais dos fenômenos coletivos, uma vez que esses fenômenos se constituem mutuamente, em um processo dialógico e dialético.

Em termos práticos, um professor, por exemplo, possui uma subjetividade individual, que representa a singularidade de sua história de vida, os recursos subjetivos que dispõe para lidar com as tarefas cotidianas, entre outros aspectos. Essa subjetividade individual, que se desenvolve ao longo e ao largo de sua história social, incorpora, contradiz e confronta permanentemente os espaços sociais de subjetivação que ele faz parte, como a escola, por exemplo. O professor se vincula à escola não somente em termos administrativos, mas também em termos subjetivos, considerando que sua vivência nesse espaço expressa uma emocionalidade. A produção simbólico-emocional desse professor e de todos os atores que fazem parte do cenário social escolar constitui o que denominamos de subjetividade social.

O conceito de subjetividade social, portanto, redimensiona a leitura dos fenômenos sociais, entre os quais, os fenômenos escolares. A produção simbólico-emocional coletiva de uma escola pode produzir resistências à implementação de políticas públicas, para citar um exemplo. Sem um mapeamento da dimensão subjetiva do cotidiano escolar e sem uma intervenção institucional que contemple aspectos da subjetividade social da escola (Mitjans-Martínez, 2009), envolvendo professores, gestores, estudantes, familiares, entre outros, os processos de mudança na direção de uma escola mais democrática e inclusiva podem não ser consolidados.

Com base nisso, formulamos o seguinte problema de pesquisa: Como o conceito de subjetividade social, elaborado por González Rey (2005, 2008, 2012) no domínio da Teoria da Subjetividade, tem sido trabalhado em pesquisas científicas sobre educação escolar desenvolvidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* de instituições de ensino superior brasileiras?

A relevância científica do estudo está na identificação, organização e discussão a respeito de como a subjetividade social enquanto categoria teórica é integrada às pesquisas científicas sobre a educação escolar, considerando que os pesquisadores que partem da perspectiva de González Rey têm priorizado o conceito de subjetividade

individual (González Rey; Mitjás Martínez, 2017). Ainda que nossa investigação não produza informações novas com base em um trabalho de campo, ela pode gerar reflexões e construções teóricas pertinentes para o avanço da ciência psicológica. A pesquisa pode, além disso, desdobrar-se em outras investigações, sobretudo, de campo, uma vez que nosso problema de pesquisa, objetivos e delineamento metodológico possibilitam o contato com o estado da arte da temática investigada.

Quanto à relevância social, destacamos que o referencial de análise da nossa pesquisa é a psicologia cultural-histórica, perspectiva que integra os debates no campo da psicologia social crítica, o que nos permite problematizar a relação entre a produção científica e as reais necessidades da sociedade brasileira, em particular, da educação escolar pública. A temática investigada denota o compromisso ético e político do nosso investimento científico com a transformação social.

Deste modo, o objetivo do trabalho foi analisar como o conceito de subjetividade social tem sido trabalhado em pesquisas científicas sobre educação escolar desenvolvidas em programas de pós-graduação *stricto sensu* de instituições de ensino superior brasileiras. Os objetivos específicos foram: 1) examinar como os pesquisadores conceituam a subjetividade social e a integram em seu problema de pesquisa e objetivos; 2) verificar como os pesquisadores delineiam os caminhos metodológicos da investigação, articulando-os aos aportes teóricos e epistemológicos; 3) discutir sobre as implicações do conceito de subjetividade social para a pesquisa psicológica no contexto da educação escolar, com base nas produções científicas analisadas.

2. METODOLOGIA

Caracterização do estudo

Para a resposta ao nosso problema de pesquisa e concretização dos objetivos traçados nesse projeto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório-descritivo, por meio da busca eletrônica de teses de doutorado e dissertações de mestrado defendidas entre 2017 e 2021. Consultamos, em um primeiro momento, o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, para ter acesso aos resumos dos trabalhos acadêmicos, e, posteriormente, as bases eletrônicas de dados dos programas de pós-graduação *stricto sensu* aos quais as pesquisas estão vinculadas. O refinamento da pesquisa foi realizado por meio dos seguintes descritores: *subjetividade social, subjetividade, sujeito, sentido*

subjetivo, processos subjetivos associados a escola, instituição escolar, educação escolar, cotidiano escolar, educação, ensino, prática educativa, prática docente, trabalho pedagógico, aprendizagem, ensino-aprendizagem, avaliação escolar.

Amostra, Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram analisadas as teses de doutorado e dissertações de mestrado defendidas nos últimos cinco anos (entre 2017 e 2021). Os critérios de inclusão dos trabalhos acadêmicos foram: pesquisas de campo, nas quais o conceito de subjetividade social desenvolvido no domínio da Teoria da Subjetividade norteia a condução da investigação; pesquisas realizadas no contexto da educação escolar brasileira; trabalhos disponibilizados na íntegra, em língua portuguesa. Não consideraremos para a nossa revisão de bibliografia: trabalhos teóricos; pesquisas realizadas em outros países; trabalhos com perspectiva teórica diferente.

Procedimento de coleta de dados

Na primeira etapa, realizamos a busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando os descritores definidos. Os resumos foram analisados com base nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, as informações básicas foram extraídas e organizadas em fichamentos e, posteriormente, realizamos a busca nas bases eletrônicas dos programas de pós-graduação *stricto sensu*. A etapa final envolveu a análise e construção das informações com base no estudo dos documentos completos, a partir dos quais elaboramos eixos temáticos e discutiremos à luz da literatura científica disponível, sobretudo, do debate teórico, epistemológico e metodológico proposto por González Rey.

Análise de dados

Com base nos objetivos traçados para o estudo e nas informações extraídas das teses de doutorado e dissertações de mestrado, construímos eixos temáticos de análise e conduziremos uma discussão com base na literatura científica disponível, sobretudo, no debate teórico, epistemológico e metodológico proposto por González Rey (2005, 2012; GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cisão entre fenômenos individuais e coletivos no domínio da ciência psicológica remonta a Wundt, na Alemanha, e a construção, no final do século XIX, de duas psicologias: uma experimental, com a qual se propunha a investigar a estrutura da consciência do indivíduo, e uma *Völkerpsychologie* (psicologia do povo ou das massas), que contemplava fenômenos coletivos, como a cultura, mitos, religião, costumes, entre outros. Com a americanização da psicologia, durante a primeira metade do século XX, a *Völkerpsychologie* de Wundt foi repudiada e se iniciou um progressivo processo de naturalização/objetivação do social, que se fundamentou, sobretudo, no positivismo e no experimentalismo como bases epistemológica e metodológica. Ainda que o behaviorismo não tenha sido o único enfoque a se sustentar nesse modelo, contribuiu de maneira significativa para a delimitação do social como um evento externo ao indivíduo, o qual, ao lado de outras influências igualmente externas, genericamente definidas como ambiente, determinariam o seu comportamento (GONZÁLEZ REY, 2012).

Com o surgimento do conceito de variável, na década de 1950, e com o forte reducionismo empirista da psicologia da época, aquilo que o modelo experimental definia como variável independente passou a ser representado como causa da conduta humana e qualificado com base no contexto do qual emergia, como, por exemplo, variável escolar, familiar, entre outras (GONZÁLEZ REY, 2012). Além disso, esse conceito também foi responsável pela ausência de construções teóricas no âmbito da psicologia objetivista. A investigação psicológica levantava problemas que eram respondidos por meio de correlações estatísticas de variáveis, o que garantiria a objetividade do conhecimento. Para González Rey (2012), a consequência disso era a dicotomia entre a pesquisa científica, que se caracterizava por ser a-teórica, e os sistemas teóricos existentes na psicologia, como a psicanálise, por exemplo, que não avançavam em uma reflexão epistemológica alternativa ao modelo positivista. Portanto, a pesquisa psicológica simplificava os fenômenos investigados enquanto o abandono das questões epistemológicas pelos sistemas teóricos culminava em um uso dogmático da teoria.

O social, não plenamente desenvolvido no marco positivista da psicologia, é compreendido como uma evidência, uma condição objetiva que determina o indivíduo a partir de sua externalidade. Nesse sentido, o fenômeno psicológico, que no behaviorismo é definido pela categoria de comportamento, seria resultante das experiências ambientais,

compreendidas como estímulos. O fato é que essa representação individualista do objeto de estudo da ciência psicológica e a consequente reificação do fenômeno social, a qual negou seu caráter simbólico e construtivo, impossibilitou qualquer aproximação teórica ao tema da subjetividade, uma vez que os processos individuais eram concebidos como epifenômenos de processos ambientais, não assumindo qualquer qualidade distintiva. O debate representava aquilo que Farr (2013) denominou de psicologia social psicológica, com a qual o coletivo era compreendido como um fenômeno natural e as explicações da ciência se centravam na instância individual.

O social, enquanto construção simbólica, passou a ser foco de interesse da psicologia, de forma mais significativa, a partir da segunda metade do século XX (GONZÁLEZ REY, 2005). As repercussões das guerras mundiais configuram entre os fatores que estão relacionados a esse fenômeno. Para González Rey (2005), as mudanças na ciência psicológica se expressaram em aspectos como: o lugar dado por Lacan ao simbólico na clínica, sob a influência da linguística e do estruturalismo; a consolidação do enfoque histórico-cultural, que se manteve isolado por razões políticas até a década de 1960; o surgimento de uma psicologia social europeia, sobretudo, com a contribuição de Moscovici e a Teoria das Representações Sociais; por fim, o surgimento do construcionismo social, que entra na literatura psicológica vinculado ao pensamento pós-moderno, demonstrando uma crítica radical aos sistemas teóricos que se constituíram ao longo e em consequência da modernidade. A dimensão simbólica, que teve um desenvolvimento incipiente na psicologia soviética da primeira metade do século XX, é resgatada, permitindo compreender o caráter construtivo da realidade social. A respeito disso, González Rey (2012, p. 178-179) argumenta:

A naturalização do real no “dado” e a compreensão dos processos psíquicos como epifenômenos do “real” foram características de uma procura pela objetividade que excluía a dimensão simbólica e, portanto, construída, da realidade humana como cultura.

O simbólico contradiz o realismo objetivista ingênuo da psicologia que dissociava a sociedade do sujeito e de suas práticas (GONZÁLEZ REY, 2012). Para o construcionismo, a realidade social é uma construção simbólica realizada ao longo da história da humanidade, por meio de práticas humanas, o que conduz à compreensão de que não é única, objetiva e externa às pessoas. O social não se distingue, portanto, das

realidades cultural e histórica que o constroem e se configura em espaços discursivos que organizam a existência humana.

González Rey (2005, 2012) compartilha com o enfoque as críticas ao social como algo externo e a ideia de sociedade como um mega sistema regido por leis próprias. Entretanto, entende que a sociedade se organiza em um sistema diverso, que se configura de forma única nos diferentes cenários e práticas sociais, e que a ênfase dada pela perspectiva construcionista ao significado não permite compreender a complexidade dos diferentes processos e formas de organização sociais. Como resultado do debate proposto pelo construcionismo social, produz-se a dicotomia entre as dimensões construtiva e constitutiva da realidade social, sendo o segundo polo representado pelas configurações simbólico-emocionais da experiência, organizadas nos sistemas subjetivos dos sujeitos e dos espaços e práticas da sociedade. O construcionismo se ocupa do construído, negligenciando, por completo, o constituído.

Um dos desdobramentos mais originais desse sistema teórico é a tese de que a subjetividade não representa uma instância intrapsíquica, mas um tipo particular de produção que também está presente nos diferentes espaços e práticas da vida social aos quais o sujeito se vincula. O autor (2005a) desenvolveu o conceito de subjetividade social para dar visibilidade aos processos e formas de organização da sociedade que não se identificam com as condições objetivas e que se configuram para além da dimensão simbólica, construída, da realidade social. O conceito permite analisar os fenômenos da sociedade com base em uma nova perspectiva. A ideia é de que o tecido social contém uma organização complexa que se diferencia de maneira qualitativa do conjunto de relações econômicas que produzem a vida material. Essa organização complexa, definida como subjetividade social, representa o sistema no qual se configuram distintas produções simbólico-emocionais que integram e transpõem os diferentes espaços de socialização, constituindo-os com configurações subjetivas únicas.

O conceito de subjetividade social representa um marco na história da psicologia latino-americana, uma vez que surge em um período no qual se buscava uma alternativa ao modelo de ciência psicológica importado dos Estados Unidos, entre as décadas de 1970 e 1980. A crítica teve origem, notadamente, na psicologia social e expressava a resistência aos postulados positivistas que resultaram, neste campo, na negação dos fenômenos sociais coletivos e no conseqüente processo de individualização do social via comportamento (Farr, 2013). Uma das alternativas produzidas foi a delimitação de uma psicologia social sociológica, que, embora tenha avançado, sobretudo quanto à

contextualização do conhecimento produzido, polarizou o debate e acabou por negar o sujeito produtor dos processos sociais (González Rey, 2005a). A subjetividade social surge com base na crítica às vertentes anteriores e, apesar de representar os processos e formas de organização subjetiva no domínio da sociedade, não é uma entidade supraindividual, visto que se configura com a ação concreta do sujeito nos espaços sociais.

O conceito sugere o reconhecimento de uma condição ontológica diferenciada no arranjo da sociedade, que não pode ser explicada, exclusivamente, pela infraestrutura. González Rey (2005, p. 209) afirma:

A subjetividade social representa uma produção simbólica e de sentido que constitui um nível diferente na organização ontológica da sociedade. Ela não é a reprodução dos complexos processos objetivos [...], mas uma nova forma de constituição do tecido social em relação aos inúmeros aspectos objetivos que caracterizam a vida da pessoa nos diversos espaços da vida social, cuja articulação como sistema se dá precisamente nos sentidos e significados que circulam de forma simultânea nessas diferentes zonas do social [...].

Conforme a citação, a subjetividade social, definida como produção simbólica e de sentido, expressa um nível qualitativamente diferenciado na organização do sistema social. Assim, a sociedade, além de uma dimensão objetiva que a constitui, também se destaca pela organização de uma dimensão subjetiva, implícita, que não representa um mero reflexo da objetividade. A subjetividade social se organiza de forma sistêmica, articulando sentidos e significados produzidos em diferentes zonas da realidade, o que nos leva a entender que o sistema subjetivo de um determinado contexto social, como a escola ou uma sala de aula, por exemplo, integra produções subjetivas que tiveram origem em outros espaços de socialização.

A organização sistêmica da subjetividade social explica seu caráter processual. A configuração subjetivo-social de um dado espaço de relação, como a escola, não significa uma entidade estática, uma vez que essa configuração se nutre de sentidos subjetivos diversos, organização diretamente relacionada à pluralidade de papéis e práticas sociais dos sujeitos. O aluno, o professor e os demais atores da instituição escolar trazem para esse espaço, além de sua capacidade reflexiva, suas configurações subjetivas, constituídas no embate contraditório com outras instâncias e processos sociais dos quais fazem parte ou estão indiretamente implicados. Qualquer alteração que ocorra fora da escola e que

passa a ser dominante no sistema da subjetividade social, ao afetar os sujeitos da instituição escolar, afeta também a forma original da configuração subjetiva desse espaço.

A respeito disso, González Rey (2008, p. 235) escreveu:

Na subjetividade social tomam forma subjetiva uma multiplicidade de efeitos e de contradições de todas as esferas da vida social, que resultam inacessíveis em sua aparência social. Tal subjetividade integra, em produções subjetivas de cada espaço social concreto, uma miscelânea de processos subjetivos que têm origens em outros espaços da vida social. O que é interessante é que a pessoa é a portadora desses processos subjetivos em seu trânsito simultâneo por múltiplos espaços sociais. A pessoa é um sistema complexo nos múltiplos sistemas sociais em que atua.

O autor não identifica a subjetividade social como instância *supraindividual*, uma vez que se configura pela participação ativa do sujeito, denominado de *complexo sistema de múltiplos sistemas sociais em que atua*. As configurações subjetivas que se revelam no nível social são inseparáveis da ação de sujeitos emocionalmente implicados com os cenários sociais nos quais desenvolvem suas práticas. Isso reitera a ideia de que os processos sociais não são *externos* às ações individuais, pois se organizam em um sistema subjetivo no qual o sujeito é, ao mesmo tempo, constituinte e constituído (González Rey, 2005).

O indivíduo e a sociedade, deste modo, não estabelecem uma relação de correspondência biunívoca, ou seja, o sistema subjetivo que constitui o indivíduo não representa uma reprodução mecânica do sistema subjetivo dos espaços da vida social aos quais se vincula. Os dois sistemas se desenvolvem de forma simultânea e inter-relacionada e, mesmo que a organização subjetiva da sociedade anteceda o desenvolvimento pessoal, as influências são recíprocas, considerando que o surgimento do sujeito gera novos processos de subjetividade social, modificando o funcionamento sistêmico anterior (González Rey, 2005, 2007).

Na citação abaixo, é possível perceber o caráter complexo da relação entre a subjetividade social e a subjetividade individual:

Os sentidos subjetivos de cada um desses níveis não se relacionam como se fossem externos entre si, influenciando-se por meio de uma externalidade. Cada nível está intrinsecamente organizado no outro, na especificidade de sua produção singular de sentido subjetivo (González Rey; Mitjans Martínez, 2017, p. 64).

A vida social é culturalmente organizada, ou seja, é marcada por uma dimensão simbólica, e os sentidos subjetivos emergem dessa realidade. A cultura é um sistema no qual as produções sociais, como os discursos, os mitos, as representações sociais, as ideologias, entre outras, integram-se e a definem subjetivamente no espaço e tempo de uma sociedade. As construções sociais que se expressam na subjetividade social surgem configuradas nas subjetividades individuais de forma singular, definindo desdobramentos diversos, inclusive produções subjetivas alternativas aos processos de subjetivação demarcados pela sociedade. É na tensão da relação entre sujeito e sociedade que o sistema subjetivo se desenvolve.

No âmbito da pesquisa bibliográfica, utilizamos o sistema de busca, por meio da ferramenta da CAPES, que é a plataforma de produção de dados acadêmicos, em que acessamos pesquisas acadêmicas na área em questão. Ao todo foram captadas 1867 produções acadêmicas, sendo que apenas nove atenderam aos nossos norteadores de pesquisa. As informações estão organizadas nos Quadros 1 e 2, abaixo relacionados.

Quadro 1 – Objetivo dos Trabalhos Consultados

TÍTULO	ANO	OBJETIVO
1. A transição da pré-escola para o ensino fundamental de nove anos: sentidos produzidos por pais e professores (Dissertação)	2017	Investigar os sentidos subjetivos produzidos por pais e professores acerca da transição dos alunos entre a pré-escola e o ensino fundamental.
2. Subjetividade social da sala de aula e criatividade na aprendizagem (Tese)	2018	Objetivo principal de compreender como a subjetividade social da sala de aula auxilia na criatividade da aprendizagem, por meio da caracterização da subjetividade social e da análise da configuração subjetiva da aprendizagem.
3. A subjetividade social e suavivência na prática educativa com alunos público-alvo da educação especial (Tese)	2018	Investigar como a subjetividade social de uma escola pública e sua vivência na prática educativa de professores da sala comum e do atendimento educacional especializado no contexto

		da inclusão escolar de alunos público-alvo da educação especial.
4. A direção escolar na constituição da subjetividade social favorecedora da inovação (Tese)	2018	Possui o objetivo de compreender como a direção escolar contribui para uma subjetividade social na escola de modo que favoreça a inovação.
5. O movimento de reconfiguração do papel do diagnóstico no espaço escolar e suas implicações na ação pedagógica (Tese)	2018	Tem como objetivo principal compreender o movimento de reconfiguração do significado do diagnóstico no âmbito escolar a partir do trabalho realizado pelo SEEA e suas implicações na ação pedagógica.
6. Percepção que professores e alunos têm sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa na rede estadual de ensino (Dissertação)	2018	Pesquisar os sentidos subjetivos produzidos por sujeitos dentro de um contexto histórico-cultural e a partir dos sentidos analisar a percepção que eles têm sobre o processo ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.
7. Representações sociais configuradas na subjetividade social e suas expressões no trabalho pedagógico (Dissertação)	2019	Compreender a configuração da subjetividade social da ação pedagógica de uma escola do Distrito Federal.
8. Estudantes com deficiência e EJA-interventiva: a subjetividade social em foco (Dissertação)	2020	Compreender os aspectos da subjetividade social da escola com relação aos estudantes com deficiência do EJA-Interventivo.
9. A configuração subjetiva do diretor de escola pública e seu reflexo na subjetividade escolar: um estudo exploratório (Dissertação)	2021	Identificar o sentido subjetivo do trabalho do diretor escolar e em que sua ação afeta na subjetividade social da escola.

Quadro 2 – Avaliação dos caminhos teórico, epistemológico e metodológico dos trabalhos

TÍTULO	AUTOR	CAMINHO METODOLÓGICO
1. A transição da pré-escola para o ensino fundamental de nove anos: sentidos produzidos por pais e professores (Dissertação)	Letícia de Sousa Dorighello	Segue a epistemologia qualitativa de produção construtivo-interpretativo. Na primeira etapa foi realizada uma reunião com aplicação de questionário direcionado aos professores e alguns pais/responsáveis. Na segunda etapa foi realizada uma entrevista com alguns selecionados das categorias anteriormente citadas. Na etapa final foi realizada a aglutinação dos indicadores por similaridade, discrepância e complementaridade.
2. Subjetividade social da sala de aula e criatividade na aprendizagem (Tese)	Carolina Torres Oliveira	Segue a linha teórica da epistemologia qualitativa construtiva interpretativa. Na primeira etapa ocorre a aproximação com a escola, bem como seleção de alunos e turmas. Na etapa final foi desenvolvido o estudo de caso através de diversos instrumentos sendo alguns deles: dinâmica conversacional, entrevista individual, técnicas de explorações múltiplas, questionário aberto.
3. A subjetividade social e suavivência na prática educativa com alunos público-alvo da educação especial (Tese)	Carlos Eduardo Gonçalves Leal	A tese segue teoria da subjetividade, a epistemologia qualitativa e a metodologia construtivo-interpretativa. Para a construção de informações, foram utilizados os seguintes procedimentos: observação participante dos momentos de coordenação pedagógica, conselho de classe e reuniões coletivas; análise dos documentos da escola; entrevista semiestruturada e sistemas conversacionais com

		a direção, coordenação pedagógica e professores.
4. A direção escolar na constituição da subjetividade social favorecedora da inovação' (Tese)	Glaucia Melasso Garcia de Carvalho	Segue a linha teórica de epistemologia qualitativa construtiva interpretativa. As etapas da metodologia envolveram dinâmicas conversacionais e observação participante.
5. O movimento de reconfiguração do papel do diagnóstico no espaço escolar e suas implicações na ação pedagógica (Tese)	Kátia Regina do Carmo Pereira	Segue a metodologia qualitativa construtiva interpretativa. As ações metodológicas se desenvolveram através da aplicação de questionário, observação participante e dinâmicas conversacionais, entrevistas e técnicas de dinâmicas em grupo.
6. Percepção que professores e alunos têm sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa na rede estadual de ensino (Dissertação)	2018	A pesquisa segue a linha teórica da subjetividade e a epistemologia qualitativa. As informações foram construídas por meio da utilização de Questionário sociocultural, Time Line, Entrevista, Teste de Complemento de frases e Folha Redação de tema específico.
7. Representações sociais configuradas na subjetividade social e suas expressões no trabalho pedagógico (Dissertação)	Andreia dos Santos Gomes Vieira	Segue a epistemologia qualitativa construtiva-interpretativa. As etapas ocorrem seguindo métodos como: dinâmica conversacional, complemento de frase, análise documental, observação participante, grupos de discussão, questionário, registros fotográficos, entre outros.
8. Estudantes com deficiência e eja-interventiva: a subjetividade social em foco (Dissertação)	Lucinete Teixeira dos Santos Sampaio	A pesquisa segue os conceitos da epistemologia qualitativa construtiva-interpretativa. E conta com métodos de dinâmica conversacional, observação participante, análise documental e análise de redes sociais.
9. A configuração subjetiva do diretor de	Daniela Taborda	A pesquisa segue a epistemologia qualitativa

escola pública e seu reflexo na subjetividade escolar: um estudo exploratório (Dissertação)	Prado Mouran	construtiva-interpretativa. O instrumento metodológico utilizado foi a entrevista semi-dirigida.
---	--------------	--

De acordo com a análise bibliográfica realizada, foram encontradas o total de nove produções científicas que alinham seus objetos de pesquisa à teoria histórico-cultural da subjetividade, com base no conceito de subjetividade social, categoria construída e elaborada por Gonzalez Rey. Considerando a leitura das teses e dissertações, foi possível observar que o valor explicativo da categoria de subjetividade social para a compreensão da dinâmica do ambiente escolar. Os trabalhos destacam que a subjetividade social é formada e formadora de sentidos subjetivos que interferem não somente na realidade cognoscível do contexto de aprendizagem, mas, sobretudo, na maneira que configura e reconfigura os papéis de diretores, coordenadores, professores, alunos, pais/responsáveis, a comunidade escolar como um todo.

Todas as produções exploradas incluem, em sua metodologia, a epistemologia qualitativa e a pesquisa construtivo-interpretativa, informando que para o processo de obtenção dos objetivos, os autores partiram da perspectiva de que o campo científico possui sujeitos com suas singularidades e que apor meio do diálogo se obtém um material que foi se construindo e sendo desenvolvido com a troca e a relação dialógica. Todos os trabalhos partiram de uma crítica à ideia positivista e cartesiana da ciência em que o pesquisador captura apenas aquilo que lhe é dado ou pressupõe apenas informações já determinadas com o intuito de mera coleta.

Desta forma, as produções científicas incorporaram em suas metodologias recursos presenciais de modo a permitir a sua participação na observação, bem como a execução da sistemática conversacional, dinâmicas de grupo, aplicação de questionários e complemento de frases, dentre outras estratégias metodológicas, conforme citadas no Quadro 2.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou o quanto a categoria de subjetividade social ainda tem sido trabalhada de forma incipiente quando comparada a outras categorias teóricas no âmbito da Psicologia, sobretudo da Psicologia Histórico-Cultural. Considerando o caráter

complexo da subjetividade e as possibilidades que oferece para a compreensão das relações entre escola e sociedade, destacamos a importância da ampliação de pesquisas de campo partindo desse referencial.

REFERÊNCIAS

FARR, R. M. **As Raízes da Psicologia Social Moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. O social como produção subjetiva: superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, vol. 2, n. 2, pp. 167-185, 2012.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. **Revista Diversitas**, vol. 4, n. 2, pp. 225-234, 2008.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS-MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

GOULART, Daniel Magalhães. **Saúde Mental, Desenvolvimento e Subjetividade: da patologização à ética do sujeito**. São Paulo: Cortez, 2021.

MITJÁNS-MARTINEZ, Albertina . Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.) [online]**. 2009, vol.13, n.1, pp. 169-177. ISSN 1413-8557.